

## REFLEXÕES SOBRE JACOBY E TUDO MAIS

*Edward P. Thompson*

Tradução<sup>1</sup>: *Douglas Gonsalves Fávero*<sup>2</sup>; *Emanuelle Brenda Lopes Perpétuo*,<sup>3</sup>

*Jose Vladimir Rojas Tineo*<sup>4</sup>

*Revisão técnica: Sérgio Paulo Moraes*<sup>5</sup>

Fui convidado a dizer algo sobre a relação entre a escrita, a história e a política, conforme a minha própria experiência. Em certo sentido, há pouco a dizer que não seja óbvio. Ou assim me parece. Escreve-se história como historiador e se engaja na discussão política como cidadão, e uma coisa não exclui a outra. Sim, os dois papéis podem, por vezes, sobreporem-se ou ainda se confundirem, mas isso não precisa ser um grande problema. Trata-se menos de um problema teórico do que prático, cuja extensão prática pode-se resolver. Eu sou decisivamente contra misturar docência com qualquer forma de proselitismo político, uma vez

---

<sup>1</sup> Tradução a partir do texto “*Reflections on Jacoby and All That*”, Working Papers of the History and Society Program, University of Minnesota, 1987, com apoio da versão em espanhol “*Reflexiones sobre Jacoby y todo eso*”, tradução de Antoni Domenèch, *Sociología Histórica* 3/2013: pp. 15-26. As notas de rodapé foram extraídas da versão em espanhol. Agradecemos sinceramente à **Andrés Pedreño Cánovas** do Departamento de Sociología Universidad de Murcia e à **Revista Sociología Histórica** (mesma Universidade) pela cessão do artigo.

<sup>2</sup> Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, na linha de pesquisa Trabalho, Sociedade e Educação, membro do Grupo de Pesquisa em Trabalho, Educação e Sociedade, bolsista da Capes.

<sup>3</sup> Graduanda em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>4</sup> Mestrando em Filosofia pelo Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia, bolsista da Capes.

<sup>5</sup> Doutor em História Social, professor dos cursos de graduação e pós-graduação no Instituto de História (INHIS/UFU) e da pós-graduação da Faculdade de Educação (FACED/UFU).

que isso é aproveitar-se injustamente dos estudantes. Tenho a firme impressão de que esse abuso é cometido de maneira mais flagrante pela Direita – que às vezes supõe, com toda inocência, que seus pontos de vistas constituem a única ortodoxia possível – que pela Esquerda. Mas isso não é desculpa para a Esquerda imitar tais abusos.

Talvez parto deste simples ponto de vista porque meu pai foi um escritor – um historiador e um polemista sobre questões da independência da Índia – cuja maneira normal de ir trabalhar (que eu observei em minha infância) era calçar os chinelos e ir estudar, com uma xícara de café quente nas mãos<sup>6</sup>. O som da máquina de escrever era “trabalho”. Meu pai também tinha um trabalho de tempo parcial na Universidade de Oxford, como professor de Bengali e, mais tarde, como pesquisador em História Indiana; mas seu trabalho não era muito exigente, e penso que provavelmente passaria pela severa definição de “intelectual” de Russell Jacoby. Mas ele via a si mesmo como escritor – um poeta, novelista, historiador, jornalista e literato – e também (quando abria a correspondência, com intermináveis pedidos para escrever sobre isto, falar sobre aquilo, ler tal manuscrito ou assessorar sobre outro, quase sempre de graça) como um *servus servorum* [servo dos servos].

Os anos em que desempenhei um papel proeminente no movimento pela paz, permitiram-me compreender esse título muito bem. O mundo está cheio de pessoas encantadoras e admiráveis que, por alguma razão, supõem que um escritor é um servidor público sem salário. Ocasionalmente, metade ou mais do meu tempo de trabalho era gasto em responder correspondências, e a pilha de cartas não respondidas ainda pesam sobre minha mente. Em uma parte dessa correspondência está uma boa relação

---

<sup>6</sup> Sobre Edward John Thompson (1886-1946), ver E. P. Thompson (1993): *Alien Homage, Edward Thompson and Rabindranath Tagore*, Nueva Delhi, Oxford University Press e Mary Lago (2001): *India's Prisoner. A Biography of Edward John Thompson, 1886-1946*, Columbia, University of Missouri Press, assim como Scott Hamilton (2012): *The Crisis of Theory. E. P. Thompson, the new left and postwar British politics*, Manchester, Manchester University Press, 2012, pp. 11-21.

com um público, mas esse público também pode ser insensato e exigente. A cilada<sup>7</sup> nisso é que nunca chegamos a conhecer os correspondentes prudentes e corteses, uma vez que eles são muito gentis para nos aborrecer com qualquer coisa.

Isso é suficiente como prólogo – exceto para apresentar algumas breves notas biográficas. Quando eu era jovem, supunha que podia chegar a ser um Escritor (com maiúscula), não um historiador. Meu primeiro emprego foi de tutor na educação de adultos, cargo que desempenhei durante 17 anos em West Yorkshire, para a Universidade de Leeds. Voltarei a isto. Nessa época, tornei-me historiador, escrevendo meus *William Morris e A Formação da Classe Operária Inglesa*<sup>8</sup>. *Dorothy (minha esposa) e eu estávamos muito envolvidos na militância política: o ápice disso foi o feroz conflito dentro (e, logo, fora) do Partido Comunista (1956) e a formação e o trabalho editorial da The New Reasoner e da New Left Review*<sup>9</sup>. Meu trabalho seguinte foi dentro da universidade, a recém-fundada Universidade de Warwick: durei somente seis anos, mas uma das recompensas disso foi a formação de um excelente centro de pós-graduação, especialmente forte no estudo da história social inglesa do século XVIII. Depois disso (1971), demiti-me para poder escrever: oportunidade garantida por Dorothy, que (com os filhos já crescidos) conseguiu, tardiamente, ingressar no ensino universitário, o que significou a entrada de um salário acadêmico regular na família. Minha “liberdade” para ser um “intelectual” dependia disso, e talvez Jacoby prestasse pouca

---

<sup>7</sup> No original “*Catch-22*”, trata-se de uma situação paradoxal sem resolução, Thompson refere-se ao romance do autor norte-americano Joseph Heller, publicado em 1961 [Edição brasileira: *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Trad. De Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987].

<sup>8</sup> *William Morris: Romantic to Revolutionary*, London, Lawrence & Wishart, 1955; *The Making of the English Working Class*, London, Victor Gollancz, 1963.

<sup>9</sup> Dorothy Thompson (1923-2011), a esposa de Edward, foi uma historiadora social, autora, entre outras obras, de: *The Chartists: Popular Politics in the Industrial Revolution*, New York, Pantheon Books, 1984. Sobre a relação de Thompson (e outros historiadores) com o Partido Comunista britânico, ver: Harvey J. Kaye, *The British Marxist Historians. An Introductory Analysis*, New York, Polity Press, 1984.

atenção a este tipo de assunto prático. A escrita séria por conta própria não proporciona um sustento. De tempos em tempos, nas duas últimas décadas complementamos nossa conta bancária, e também nossos recursos intelectuais, aceitando a amável hospitalidade de universidades estadunidenses, canadenses e outras para lecionar ocasionalmente ou durante cursos inteiros. De modo que sou meio “intelectual”, meio acadêmico. Meu trabalho como historiador se viu interferido – e repetidamente adiado – pelas exigências da polêmica escrita política: primeiro, em defesa de liberdades civis, como a integridade do sistema de juris populares, e em oposição ao autoritarismo crescente na Grã-Bretanha; e segundo, em nome do movimento pela paz. Se quisermos distinguir entre o escritor de história e o escritor político, então o historiador que há em mim lamenta os anos desperdiçados na política – e agora mais que nunca, quando me vejo rodeado de obras inacabadas e muito pouco tempo pela frente. Mas como cidadão, não tenho por que me desculpar com o historiador.

Voltemos ao Russell Jacoby, embora suponha que vocês já tenham uma ideia suficiente de sua posição durante o seminário. No geral, eu gosto de seu livro. Com uma prosa viva e exemplos abundantes, propõe a cultura da academia, não como uma solução, mas como um problema. Talvez eu goste do livro porque eu mesmo venho sustentando pontos relacionados durante anos. Em uma discussão sobre o papel da universidade na educação de adultos, escrevi (em 1968):

“A alta cultura não está isolada da cultura popular conforme as velhas fronteiras de classe: mas está isolada, no entanto, dentro de seus próprios muros de autoestima intelectual e orgulho espiritual. Há, é claro, mais pessoas atravessando o muro como nunca. Mas é um erro grave – que só pode ser aceito por aqueles que, de fora, apreciam as universidades – supor que, dentro dos muros, são fervorosos protagonistas [...] de valores intelectuais e culturais. Na boa aula de adultos, a crítica da vida é aplicada ao trabalho ou ao objeto de estudo. É natural que isso seja menos comum quando se trata de estudantes universitários; e boa parte do trabalho de professor universitário é a de um

merceeiro intelectual: pesando e avaliando programas de estudo, listas de leituras ou temas de ensaio de acordo com o determinado treinamento profissional que se pretende.

O perigo é que esse tipo de tecnologia profissional necessária seja confundida com a autoridade intelectual: e que as universidades – apresentando a si mesma como um sindicato de todos os ‘especialistas’ em cada ramo do conhecimento – expropriem o povo de sua identidade intelectual. E nisso elas são ajudadas pelos grandes meios centralizados de comunicação – notavelmente, pela televisão – que, muitas vezes, tendem a apresentar o acadêmico – ou deveria dizer certos acadêmicos fotogênicos? – não como um profissional especializado, mas, precisamente nesse sentido, como um verdadeiro ‘especialista’ na vida”<sup>10</sup>.

Essa não é exatamente a mesma queixa de Jacoby, pois ele está preocupado com a incapacidade dos acadêmicos em se projetar como intelectuais públicos, enquanto eu estou preocupado com a expropriação da vida intelectual da nação por parte das universidades. Nós dois, no entanto, estamos radicalmente preocupados com o intercâmbio, com o diálogo, entre a academia e o público.

Contudo, Jacoby faz o problema parecer demasiado fácil. Apesar das ressalvas, seu livro parece apresentar um autoisolamento premeditado no qual os intelectuais comprometidos terminaram optando pelo progresso profissional dentro do inacessível vocabulário das carreiras acadêmicas. Sem dúvida isso continua, assim como se deu no passado. Em tempos materialistas e nada heroicos, isso já se deu antes. Entretanto, isso pode ser apenas a metade do processo. Jacoby não se preocupa em indagar as razões “estruturais” do autoisolamento

---

<sup>10</sup> E. P. Thompson, “Education and Experience: Fifth Mansbridge Memorial Lecture”, Leeds, 1968, pp. 21-22. Este texto foi incluído em seu livro póstumo *T Romantic: England in a Revolutionary Age*, New York, The New Press, 1997, pp. 4-32 [Edição brasileira: Educação e experiência. In: *Os Românticos: A Inglaterra na era revolucionária*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, pp. 43-44].

de uma *intelligentsia* – ele não pergunta se esse isolamento, e esse autoencarceramento, como vocabulário autopromocional poderia não ser consequência, mas sim causa. Não seria porque as relações políticas e intelectuais entre os “intelectuais” e o público mais amplo foram interrompidas por mudanças nas tecnologias da comunicação, ou talvez, como consequências de mudanças políticas e ideológicas ulteriores, que os intelectuais têm falado consigo mesmos – ou sem ter muito a dizer que seja de interesse geral?

Neste ponto, gostaria de convidá-los a dar uma olhada em dois artigos meus que tratam esse problema de distintos ângulos. O primeiro, “The Segregation of Dissent”, foi escrito para a BBC e rejeitado por ela em 1961; acabou publicado em um pequeno jornal editado por estudantes em Oxford, *The New University*<sup>11</sup>. O destino da publicação parecia ser a ilustração de seu próprio argumento. O segundo, “The Heavy Dancers” é, de certa maneira, uma reafirmação do argumento do primeiro, mas em um contexto mais autoritário cerca de vinte anos depois<sup>12</sup>. Ele foi encomendado por uma produtora de comercial de TV um tanto ousada para o ocasionalmente “intelectual” Channel Four. Mas a iniciativa não era tão ousada, pois a questão sensível de minha conversa – que tinha a ver com a Guerra das Malvinas – já havia sido amplamente dessensibilizada pela vitória da Senhora Thatcher. Durante essa guerra – ainda que todas as pesquisas mostrassem que entre 20% e 25% da população britânica era contrária a ela – a apresentação daquela parte de meu argumento na televisão ou na rádio teria sido impossível.

Estou simplesmente salientando o ponto óbvio de que há razões estruturais e políticas para o isolamento dos “intelectuais” (se eles são dissidentes). Isso pode ser especialmente óbvio na Grã-Bretanha nas décadas passadas, com seu

---

<sup>11</sup> *New University*, 6, 1961, 13-16, reproduzido em *Writing by Candlelight*, London, The Merlin Press, 1980: pp. 1-10.

<sup>12</sup> “The Heavy Dancers of the Air”, *New Society*, 11, Novembro 1982, 243-7, reproduzido em *The Heavy Dancers*, London, The Merlin Press, 1985: pp. 1-11.

autoritarismo crescente, a absurda obsessão governamental com a pseudosseguença, a cumplicidade do judiciário e a imprensa popular decadente. Há, é claro, e digo satisfeito, certo movimento de resistência entre os próprios profissionais dos meios de comunicação – notavelmente na televisão –, mas a Sra. Thatcher já está se ocupando disso.

Parece-me que algo similar vem ocorrendo nos Estados Unidos desde o final da II Guerra Mundial. Esbocei, na revista *Tri-Quarterly*, nº 70, uma espécie de biografia intelectual de seu ilustre concidadão em Minneapolis, o poeta Thomas McGrath, comparando-o com um movimento de resistência conduzido por meio de cópia e distribuição de pequenos comentários à *samizdat*<sup>13</sup>. Agora, esse distinto “intelectual” é marginalizado na vida acadêmica norte-americana – vocês não encontrarão sua obra nos currículos nem nas discussões da *New York Review of Books*. Mas é possível que os argumentos de Jacoby sejam circulares e autoconfirmatórios? Ele não faz menção a McGrath, presumivelmente porque não ouviu falar sobre ele. Mas quantos outros “intelectuais” não poderiam estar invisíveis pelas mesmas razões? Eu enviei um projeto de meu estudo sobre McGrath para o bom historiador literário e crítico, o falecido Warren Susman, e fui incentivado por sua resposta. Mas houve uma questão que ele expressou vigorosa discordância. A cultura de resistência dos pequenos jornais (“*samizdat*”), por toda parte dos EUA, tinha a pretensão de considerar-se tão típica das décadas recentes quanto a cultura “oficial” da academia e a *New York Review of Books*. “Para o historiador cultural”, argumentou Susman, “a tipicidade assim como a singularidade de McGrath são fatos culturais importantes”.

Eu não sei como lidar com esse problema. Apoio fortemente o trabalho das revistas minoritárias, e não saberia nem contar as horas, dias, semanas, meses e anos de minha vida dedicados à edição ou captação de fundos para esse tipo de publicação, da *Our Time* até a *New Reasoner*, desde a *New Left Review* até,

---

<sup>13</sup> E. P. Thompson: “Homage to Thomas McGrath,” *TriQuarterly*, 70 (Outono 1987), 116-117.

hoje mesmo, ao *END Journal*. Mas por mais importantes que sejam essas publicações, elas não resolvem, por si mesmas, o problema da comunicação com um público maior. São necessários certos canais de transmissão ou outras mediações. Wright Mill, quando o conheci nos primeiros dias da “*New Left*”, andava muito preocupado com esse problema. Ele acreditava poder encontrar uma solução no pequeno livro de bolso, e formou uma parceria particular com Ian Ballantine, do Ballantine Books, que se gabava poder – servindo-se de máquinas automáticas de venda de livros de bolsos em grandes centros comerciais por todos os EUA – vender um mínimo de 20.000 cópias de qualquer livro, mesmo que fosse apenas uma capa com páginas em branco. (Suspeito que se tivesse chegado a pôr isso em prática, suas máquinas teriam sido proibidas com frequência). [O livro de Wright Mills] *Listen, Yankee* foi escrito para este tipo de audiência de Ballantine, e na (anteriormente publicada), *The Sociological Imagination* e *The Causes of World War III* ele pensava em uma audiência similar<sup>14</sup>. Lembro claramente de ter discutido sobre tudo isso com Mills e Ballantine em uma fazenda na montanha Welsh, e eles definitivamente viram o livro de bolso como um meio de “massas” e como uma resposta à televisão e à imprensa popular. O problema não é só que os produtos intelectuais ou políticos competem mal quando compartilham pontos de venda com o sensacionalismo, a leve pornografia, romances ou guias de computador, mas também que, na tentativa de convertê-los em concorrentes efetivos, suas qualidades intelectuais podem ser diluídas. Eu muito admirei (e admiro) Wright Mills e seu exemplo. Mas pensava que *Listen, Yankee* teria sido mais eficaz se não fosse escrito no estilo telegráfico; que *The Sociological Imagination* fez o argumento soar muito fácil; e que *The Causes of World War Three* (o qual reli recentemente) arruinou o efeito de algumas notáveis percepções (que têm resistido ao teste do tempo) ao empacotá-las em um argumento pobre, uma prosa

---

<sup>14</sup> C. Wright Mills: *Listen Yankee: The Revolution in Cuba*, New York, Ballantine Books, 1960; *The Sociological Imagination*, New York, Oxford University Press, 1959; *The Causes of World War Three*, London, Secker & Warburg, 1958.

assertiva e exclamatória. A popularização é um tipo especializado de escrita para a qual poucos são dotados e se um pensador populariza suas próprias ideias, pode terminar com outro resultado que é desvalorizá-las.

O que pode propiciar o meio para a transmissão de ideias “dissidentes” pode não ser alguma solução técnica (um jornal popular ou uma máquina de livros de bolsos), mas um movimento, político, religioso, nacionalista ou do tipo que seja. Sim, é a história do ovo e da galinha, mas frequentemente ovo e galinha aparecem juntos: ideias são popularizadas e rapidamente disseminadas, porque (a) a opinião pública já está preparada para recebê-las; e (b) certa excitação pública junta às pessoas em associações – clubes, partidos, exércitos ou entusiasmos religiosos – nos quais as ideias são facilmente debatidas. As ideias radicais podem manter-se adormecidas por décadas, derrotadas pela ensurdecadora propaganda do *status quo*; mas se as circunstâncias mudam, de modo que apontem para uma nova oportunidade, se há alguma razão para ter esperança, então as ideias radicais podem florescer instantaneamente por toda parte. (Mesmo que os primeiros 18 meses de reformas do Sr. Gorbachov foram recebidos com suspeita e cautela públicas, eu creio que a esperança – que é uma força histórica muito poderosa – está agora em ação na União Soviética.)

[Falta esta linha na cópia mimeografada do manuscrito de Thompson]... durante o *New Deal*, as preocupações e discursos comuns estavam ao redor dos EUA; na Grã-Bretanha uma parte do público chegou a se organizar no *Left Book Clubs*. Ao final dos anos 1950, havia um fenômeno semelhante que levou à fundação da *New Left Review* (NLR). Por um breve período (talvez entre 1961 e 1963), nós tivemos vinte ou mais clubes da NLR nos grandes centros urbanos, que serviram tanto de saída como entrada para a revista e locais para novas iniciativas políticas na comunidade. Tratava-se tanto de um canal de transmissão como de um público com uma identidade conhecida – a seção final do livro de Raymond Williams *The Long Revolution*<sup>15</sup> se dirigia, talvez,

---

<sup>15</sup> Raymond Williams (1961): *The Long Revolution*, London, Chato and Windus.

a esse público, como era também (em parte) meu livro *A Formação da Classe Operária Inglesa*. Mas atender esses clubes era uma forte pressão no nosso sobrecarregado conselho editorial, que funcionava em parte como assessor e em parte como organizador de um novo movimento de esquerda. Alguns membros do Conselho sentiram que sua intervenção no movimento político estava incompatível com uma consistente conduta intelectual da revista: e vários jovens e brilhantes colegas, eventualmente, (como resultado de outras dificuldades) assumiram a revista e, ao mesmo tempo, cortaram todos os vínculos com os (deteriorados) clubes, deixaram, inclusive, de mencioná-los nas páginas da revista, e suprimiram do conselho editorial todos os membros orientados pelo movimento (incluindo o mineiro que, posteriormente, tornou-se Secretário Geral da *National Union of Mineworkers!*).

Menciono tudo isto, não por um ataque de loquacidade, mas porque incidem na questão da opinião pública e das mudanças que podem ser demonstradas nas últimas décadas. Pois se sua biblioteca possui o arquivo completo da *New Left Review*, você pode examinar todo o registro enquanto recorda. O estilo da revista mudou com dois ou três números. Em vez de dirigir-se a um público ativista, com a retórica e, às vezes, a negligência que isso pode implicar, a NLR, agora afetada por um tom e um formato “rigorosos”, foi claramente dirigida à academia. Sua circulação provavelmente caiu, mas ela se converteu em uma publicação internacional que as bibliotecas universitárias chegaram a considerá-la de presença tão obrigatória quanto a *Past & Present* ou a *Economic History Review*. Foi salva do colapso e consolidou-se, com uma notável consistência, durante vinte e cinco anos, desenvolvendo e definindo uma teoria socialista da academia. Seu público – e o sentido da relação com ele – é em todo ponto diferente de vossa *New Masses* e da nossa *Left Review* dos finais dos anos 1930. Sua trajetória parecia confirmar e ilustrar, em certos aspectos, as teses de Jacoby. Mas deveríamos também acrescentar que a história, todavia, continua. Se a NLR tem sido um laboratório acadêmico, ainda é possível que suas inovações e sua influência cheguem a ser poderosas na próxima década. Eu não tenho a certeza se gostarei disso ou não. Assim como tantas

outras coisas que nos rodeiam por todas as partes, a NLR é um produto de uma era excessivamente cerebral e pouco criativa<sup>16</sup>.

O movimento feminista e o movimento pela paz têm também proporcionado seus próprios canais de transmissão por livros e ideias. O primeiro parece ter estabelecido um público substancial e permanente. O segundo foi mais inconstante e sujeito às oscilações da moda. Estas têm sido mais notavelmente nos EUA, com as rápidas altas e baixas da audiência do *Freeze* – ilustrado também pelo sensacional sucesso do livro de Schell, *Fate of the Earth*<sup>17</sup>. *(Aliás, por que Jacoby ignora Jonathan Schell entre seus “intelectuais”?) Tenho notado oscilações similares na Grã-Bretanha. A ascensão de nosso movimento foi um exemplo notável do uso de instrumentos e meios de comunicação pré-modernos para quebrar um hostil ou indiferente “consenso” manipulado. Servimo-nos do panfleto, de folhas informativas semanais, de reunião em paróquias ou escolas, da manifestação de rua e do piquete, com tais efeitos, que em 1981, nossas manifestações chegaram a ser bastante numerosas e coloridas e assim, os meios de comunicação majoritários não puderam fingir que não existiam. Os esforços e as horas de trabalho voluntário foram prodigiosos e, nessa intensidade, dificilmente sustentáveis por mais dois ou três anos. Eventualmente, quebramos completamente o cerco da televisão e (com distorções sujas) da pior imprensa sensacionalista popular. Mas, é claro, à custa de perder o controle direto sobre a maneira como foram produzidos nossos argumentos – no momento que parecia que estávamos tendo êxito, nossas vozes foram entregues a outros (comentadores políticos, apresentadores) que colocavam as suas questões e não as nossas próprias. Como é típico na Grã-Bretanha, toda as*

---

<sup>16</sup> A história da *New Left Review* foi estudada por Duncan Thompson em: *Pessimism of the Intellect?; A History of the New Left Review*, London, Merlin Press, 2006.

<sup>17</sup> Jonathan Shell (1982): *The Fate of the Earth*, New York, Knopf. Thompson refere-se aqui ao movimento “Freeze” contra as armas nucleares. Ver a respeito: Alexander Cockburn e James Rideway, “The Freeze Movement versus Reagan”, *New Left Review*, 137, Janeiro-fevereiro 1983.

*nossas complexas propostas foram reduzidas a somente duas questões: a favor ou contra o “unilateralismo” – e “unilateralismo” ao modo que eles, não nós, o definiam: e (pela derrota direta de nossa política não alinhada e de nossos múltiplos contatos com os “dissidentes” do outro lado) a favor ou contra as políticas soviéticas. Dada a capacidade dos meios de comunicação majoritários para falsificar e manipular, questiona-se se poderíamos ter feito melhor se tivéssemos sido ignorados.*

Em tudo isso, eu disse muito pouco sobre minha própria prática como escritor político e historiador. Como disse no início, tenho pouco a dizer que não seja autoevidente, e se negligenciei questões significativas, então me perguntem. Há um ponto que tem sido importante para mim e para alguns de meus colegas. Meu primeiro emprego – que durou 17 anos – foi na educação de adultos. Eram tempos – logo após a Guerra – que o movimento era vigoroso e contava com um amplo apoio popular. As aulas eram organizadas pela *Workers Educational Association*, mas os cursos mais longos e formais eram conduzidos por tutores do departamento universitário extramuros ou de extensão. Essas aulas duravam normalmente três invernos de 24 encontros cada, complementadas com cursos de verão; os estudantes empreenderam esse considerável compromisso (que a maioria deles honrou) com o único propósito da instrução própria: não havia grau ou diploma no final, e raramente qualquer incentivo profissional direto. A maioria dos cursos era sobre humanidades ou ciências sociais – economia, assuntos internacionais, história, literatura, música. Em uma boa aula tutorial de educação de adultos, havia um diálogo real entre o tutor e os estudantes, e um jovem tutor como eu tinha que abordar essa aula com humildade diante da experiência deles. (Em minha primeira aula em uma vila mineira em South Yorkshire, ficou evidente, desde as primeiras semanas, que eu não poderia conquistar o respeito da classe até descer com eles para o poço da mina local).

Isso era muito diferente da docência universitária comum. Por um lado, os estudantes tinham pouco tempo para ler o suficiente, e o que eles liam normalmente eram mais livros que artigos acadêmicos (A era da fotocópia barata, todavia não tinha chegado,

e não dispúnhamos de revistas acadêmicas encadernadas em volumes em nossas prateleiras.) Poucos deles escreveram ensaios sérios. Mas, por outro lado, o tutor esforçava-se para expor ante a classe, tão clara como fora possível, o estado dos conhecimentos, exposição que era seguida por um período de discussão de mais de uma hora, em que os membros da aula interrogavam o tutor, introduziam sua própria – muitas vezes, relevante – experiência, e sob essa luz, propunham seus próprios julgamentos. Às vezes, em uma aula de história, esses juízos estavam insuficientemente informados, mas na aula de literatura – eu ensinava ambas as coisas por igual: outra vantagem do ambiente da educação de adultos – a experiência do estudante resultava superior a do tutor, o que era gratificante.

Essa experiência da educação de adultos certamente influenciou uma tradição de história social na Inglaterra. R. H. Tawney foi um pioneiro na universidade das aulas de educação tutorial. Não sei se os Hammond participaram nisso também, mas seus livros soam como se tivessem feito<sup>18</sup>. Nas gerações recentes e atuais, G. D. H. Cole, Asa Briggs, Raymond Williams, Richard Hoggart, J. F. C. Harrison, Doroth e eu, estamos entre aqueles parcialmente formados pela “conjuntura” da educação de adultos. (Parece-me que, ainda que o formato persista, e que algumas aulas excelentes sobre história local continuem, essa “conjuntura” foi cooptada por outros).

Indubitavelmente essa experiência influenciou meu senso de público ao escrever história. Meus livros *William Morris* e *A Formação da Classe Operária Inglesa* foram escritos tendo em mente o público das classes de adultos ou de militantes políticos, e um pequeno público universitário ao todo. Daí meu descuido com o protocolo acadêmico (sobre o qual, na verdade, eu sabia muito pouco). Eu tenho notado a diferença em minha escrita desde então. A boa recepção de *A Formação* converteu-me em alvo da

---

<sup>18</sup> Thompson se refere a John Lawrence e Barbara Hammond, autores de numerosos e muito influentes livros de história social durante as três primeiras décadas do século XX. Ver a respeito: Stewart Angas Weaver (1998): *The Hammonds: A Marriage in History*, Stanford, Stanford University Press.

crítica acadêmica, de modo que, em minha atividade de escrita das duas últimas décadas, também tive em mente esse público crítico. Isso fez minha obra mais lenta e mais autoconsciente, mais cautelosa no julgamento e mais meticulosa em relação ao aparato acadêmico. Talvez a obra ganhou em experiência profissional, mas também perdeu em outros aspectos.

Perdeu, sobretudo, no sentido de diálogo com o público. E pode ser que isso seja inevitável, devido ao isolamento estrutural e ao autoisolamento da academia. Tornou-se mais difícil conjugar academia e público geral não especializado. E nisso todas as partes perdem – os escritores, o público e a academia. Pois a educação de adultos oferecia não somente uma saída à universidade, mas também uma via de ingresso da experiência e da crítica. Nesse diálogo, novas disciplinas emergiram e davam pistas para a investigação – por exemplo, determinada história econômica e social local, determinados temas na sociologia e nos estudos culturais – e os professores universitários eram obrigados a evitar o vocabulário profissional controverso e dar prioridade à difícil tarefa da comunicação. Esse diálogo e essa “entrada” da experiência são profundamente necessários para a saúde intelectual da própria academia. Em sua ausência, a escolástica prolifera e a vida intelectual do povo é confiscada por quem tem uma disposição profissional a teorizar como uma *intelligentsia* (ou seja, eles mesmos), como os únicos agentes livres da história, enquanto todos os demais são vistos como prisioneiros das estruturas ou determinações (conceituais, ou de outro tipo), os quais são reduzidos a estarem entre inimigos da intelectualidade ou cúmplices de suas próprias vitimizações. Não se trata somente de que isso seja falso, é também um erro autorrealizável. Subscrive, em nome de uma teoria supostamente elevada, nossa fraturada vida intelectual e reproduzem as alienações. Mas isso já é outra história.